

CONCEIÇÃO ABREU
conceicao.abreu@cccj.pt

A DIFERENÇA QUE COIMBRA FAZ

JOSÉ GUILHERME FERNANDES DA CUNHA-VAZ

“Coimbra tem de assumir que é a cidade da saúde”

Admite que este é o momento certo para Coimbra. Assume a existência de dois fatores essenciais que podem vaticinar a mudança: a existência de uma crise e a realidade Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC). Pensar em conjunto «é a única opção» e Coimbra, cidade da saúde, «o único caminho ou solução». Falta um consórcio que faça a gestão das peças do puzzle

«Lança um desafio à cidade e à região: Coimbra tem de assumir a área da Saúde e justifica. «Este é o momento certo, porque a situação de crise deve ser aproveitada como uma oportunidade para as pessoas se juntarem e aproveitarem o que têm de melhor. Sem guerras e sem receios». José Guilherme da Cunha-Vaz traz os exemplos que recolheu nos Estados Unidos da América, como emigrante, e o período que viveu no Reino Unido para demonstrar que tem razão. Acrescenta o facto de ter sido «dado um passo fundamental, com a criação do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC)» e demonstra como vê o futuro de Coimbra.

Parte do princípio de que «Coimbra é uma cidade com ótima qualidade de vida, talvez a cidade do país com melhor qualidade de vida, mas as pessoas de Coimbra têm receio que a cidade cresça. Ou seja, têm dúvidas quando as desafiam para serem mais». Acrescenta ainda que «temos dificuldade em assumir a mudança» e que não estamos habituados à competição. Feito o diagnóstico, José Cunha-Vaz sublinha «que este é o momento certo e, sem qualquer dúvida, Coimbra tem de se virar para a área da saúde e tem de assumir, pelas estruturas, pela posição geográfica,



CUNHA VAZ defende criação de consórcio em Coimbra

pelas mais-valias». Surge apenas um «mas... Não se pode apostar em tudo. É o mesmo problema que Portugal tem. Ninguém quer fazer escolhas e pensamos que devemos ser bons em tudo, quando só devemos apenas apostar naquilo em que somos excelentes». E explica: «nunca se é bom em tudo e esse é também um novo desafio, saber assumir as preferências, as capacidades e as competências, aproveitá-las bem e, claro, respeitar os outros, está implícito, porque se respeitarmos e percebermos que os outros também são bons noutras coisas ou melhores, faz-nos querer ser melhor noutras áreas e querer competir».

Assume que será necessária uma «reaprendizagem geral», porque não estamos habituados a reagir assim.

Feito o diagnóstico, José Guilherme Cunha Vaz também acrescenta a receita e o modo de a preparar. Parte-se do princípio que Coimbra tem tudo para ser a Cidade da Saúde, sem qualquer dúvida, «falta-lhe a força política que tem o Porto e determinadas atividades». Mas, falta essencialmente «uma bandeira» e alguém, com capacidade para reunir tudo e todos, que junte as peças do puzzle que são necessárias e que os chame para dialogar. Uma espécie de «consórcio», explica.

A ideia seria juntar todos os

intervenientes. «Todos quantos trabalham na área da saúde em Coimbra devem ser chamados, públicos e privados, devem juntar-se à volta de uma mesma mesa. A Universidade deve ser um parceiro fundamental, tal como as faculdades, a Ordem dos Médicos, os médicos do privado, o CHUC. Deveríamos criar uma espécie de consórcio ou, uma fundação ou a própria câmara, alguém tem de criar essa dinâmica, que promova um diálogo muito amplo de colaboração e desafie as próprias instituições a unirem-se para bem de um verdadeiro sistema nacional de saúde, eficiente e com menos custos».

José Cunha-Vaz propõe uma união de parceiros onde entre Coimbra, mas não só, também Cantanhede, Figueira da Foz e a região onde de alguma forma se trabalhe a área da saúde. Devíamos «unir uma região à volta de uma bandeira», sublinha, porque a «falta de bandeiras não tem ajudado Coimbra». E temos líderes para essa tarefa? José Cunha-Vaz responde, «acho que se as pessoas não forem desafiadas nunca demonstrarão que são líderes. A liderança só se demonstra em situações necessárias. Há pessoas competentes e se houver boa vontade de união e de colaboração, esta é uma oportu-

nidade única. É importante que seja uma estrutura independente e que pense Coimbra, não podem existir interesses pessoais ou corporativos, porque isto não é para que uns professores sejam melhores ou para destacar médicos ou farmacêuticos ou biólogos. Todos têm de estar envolvidos».

Admite ainda que o salto qualitativo que Coimbra pode dar não está dependente do financiamento que é preciso, «mas sim do que cada um pode oferecer e assumir a peça do puzzle que pode dar, partindo do princípio que não pode oferecer todas as peças, contrariando a tendência generalizada que existe quando se pensa que deve haver equidade, quer façam bem ou mal. Neste caso, não pode ser assim. A diferença tem de ser assumida».

E o que temos de diferente em Coimbra que se possa distinguir no panorama nacional e internacional. «Claramente a oftalmologia está ao nível do melhor, mas não só, há outras especialidades. Devíamos apostar na Saúde que se faz em Coimbra, aliás, a cidade não tem outra coisa para apostar e, nesta área especificamente, podemos diferenciar e até fazer casamentos com outras áreas, porque não casar a saúde com a informática, com a biologia, com a física?»

Oftalmologista de sete officios

Foi investigador, inventor, professor, oftalmologista (clínico), emigrante e ainda se estreou na política, quando foi candidato independente do PSD à Câmara de Coimbra. Nesta última experiência ficou a «consciência de que me disponibilizei para Coimbra, que é um lado positivo e retive que para se ser eleito é preciso prometer coisas em que não se acredita. Não consegui digerir isso». Nas experiências anteriores predominou a atividade clínica, como oftalmologista, e a investigação. Fazer uma prática sem a componente de investigação é redutor e é rotina. A investigação tira a rotina e é nestas duas áreas que me revejo. De resto, a minha investigação foi sempre para melhorar, sempre na procura de soluções para os doentes».

Foi essa busca que o levou a partir, primeiro para o Reino Unido, onde fez o primeiro de dois doutoramentos, depois para os Estados Unidos da América. «Emigrei, eu e toda a minha família, porque, em Portugal, a perspetiva para quem queria fazer ciência era muito limitada. Foi o conceito de ciência e de fazer boa ciência que me levou a emigrar. Hoje ainda penso se deveria ter regressado. Acordo com essa dúvida».

Hoje, dirige a AIBILI, Associação para a Investigação Biomédica e Inovação da Luz e da Imagem, uma associação privada vocacionada para transferir tecnologia e encontrar soluções, mas não só». É a AIBILI que coordena a investigação de 78 centros de investigação da visão da Europa. «Somos o office da EVICR, European Vision Clinical Research, toda a coordenação e apoio de padronização de investigação clínica em oftalmologia é feita aqui e com esta rede única que existe em toda a Europa».

“O ensino a 300 dá menos garantias”

«Se a saúde é o destino de Coimbra, qual a qualidade de ensino que aqui se pratica para manter essa excelência? José Guilherme Cunha-Vaz admite que a resposta é complexa, «é difícil. É provável que tenhamos de ter diversos

níveis de maior especialização, o que não é bom, pois pode faltar a base que permite tratar o doente como um todo. Há vários inconvenientes», acrescenta.

José Guilherme Cunha-Vaz, que também foi Diretor da

Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, admite que «sempre se tentou que o número de clausus não aumentasse. Hoje, a Faculdade é obrigada a ter esse número elevado, «não tem margem para escolha e o número vai subindo», quer por imposição governamental, quer porque depois ainda entram os atletas de alta competição ou os jovens das ilhas e a soma fica muito maior. «Preocu-

pa-me a qualidade de atendimento na realidade prática do médico e do doente em geral, porque o ensino a 300 dá menos garantias e não sei se sairão todos com o mesmo nível para essa qualidade básica».

«Politicamente, admito que é atrativo dizer que devem existir muitas faculdades de Medicina e as pessoas, regionalmente, querem isso mesmo. Por isso Aveiro quer uma faculdade de

Medicina, mesmo sem ter um grande hospital. Em Braga a mesma coisa. Eu não me importo com aqueles que me ultrapassam, nunca me preocupei, se tiverem um acidente logo a seguir o problema é deles. Mas eu tenho de continuar a viagem, continuar a caminhar e ser cada vez melhor, aumentar a velocidade, se isso for possível e legal, e continuar sempre até cruzar a meta».